2.6 A 2.ª COMPANHIA DE COMANDOS

2.6.1 ANGOLA

O homem do camuflado. Ataque à Base das Pacaças, no Congo. O rio M'bridge. Uma ideia feita e falsa. A rotina da contraguerrilha: floresta, tensão, trilho, adrenalina pura, mosquitos, calor tórrido, sede, suor, cansaço, minas, explosões e tiros. A 2.ª avança para o confronto com os britânicos e na defesa do Sete de Espadas. Há vidas mais fáceis, mas não sabem tão bem como esta.

Findo o Curso de Comandos, já à frente da 2.ª Companhia, Gonçalves das Neves, com o nome de guerra Tigre, deixa de ser o militar de calções de caqui ou de bota alta e farda branca. Passa a ser um homem de camuflado até se tornar, definitivamente, *o homem do camuflado.* É o seu fato de trabalho, o seu fato de guerra. Há uma relação íntima, fetichista até, entre Neves e o camuflado, que, mais do que os galões, passa a ser o seu sinal exterior de identidade. «Transformamo-nos no homem do uniforme que usamos», diz Napoleão. É de camuflado que, rodeado de fatos e fardas número um, receberá as estrelas de major-general.

A 2.ª Companhia de Comandos, liderada pelo capitão ainda não conhecido como «o Jaime Neves», entra num rodízio de operações no norte de Angola. Além de um grande comandante, a companhia tem em Ribeiro, Sousa Gonçalves, Diogo ou Gueifão um naipe de bons alferes. Tem ainda dois excecionais sargentos, Silvério e Mandriana. O primeiro é o sargento preferido de Neves, «o mais completo». Além de bom operacional, é um competente burocrata. Por sua vez, Mandriana

é o seu melhor cão de guerra. Com uma pulsação de campeão olímpico, com cada tiro, «cada chumbinho», passa uma certidão de óbito.

Numa das operações, a 2.ª CCMDS atravessa a fronteira em Cabinda, entra no Congo-Brazzaville, e, perto de Dolisie, ataca o acampamento da FNLA conhecido como a Base das Pacaças. Os comandos fazem os estragos da ordem, deixam um tapete esburacado de mortos e, no apressado regresso a Angola, que ainda demora catorze horas, acabam por ir recebendo o troco em morteiradas. Outra operação especial no currículo de Neves decorre na zona do rio M'bridge. Nela o Tigre mostra uma invulgar capacidade de orientação na selva. Num dia de nevoeiro, numa zona de morros que são infernais cateadrais verdes e cuja vegetação inextrincável expele clorofila tão pura que quase intoxica, seis grupos dos recém-formados comandos acabam por se desorientar. Neves mete-se numa *Dornier* e faz o Posto de Comando Aéreo, PCA. Com o apoio da bússola, do mapa, da ligação rádio e com um faro orientador notável, consegue, apesar da vegetação cerrada, da difícil orografia e da bruma fantasmagórica, fazer com que os seis grupos se reúnam na mesma clareira. O prestígio de Neves aumenta. Cada vez menos é apenas mais um capitão. O capitão Jaime Alberto Gonçalves das Neves aproxima-se de Jaime Neves. Está cada vez mais perto de si próprio, do chefe enérgico que eletriza e que logo no primeiro contacto põe os outros a pensar:

— Com ele vou para qualquer lado!

Durante quase meio ano, as operações sucedem-se. O rastreio e limpeza de bolsas de guerrilha não param. É a rotina da contraguerrilha. São as emboscadas, contraemboscadas, ataques a acampamentos e nomadizações. Floresta, tensão, trilho, adrenalina pura, mosquitos, calor tórrido, sede, suor, cansaço, minas, explosões e tiros. O índice operacional da 2.ª CCMDS é grande, bem acima da média de qualquer companhia de tropa normal. Os contactos de Neves com o inimigo crepitam mais vezes do que quando liderava a Companhia de Caçadores Especiais 365. Entretanto, os caçadores de homens formados no CIC confirmam que os guerrilheiros só batem e fogem, evitando a aspereza do combate frontal. Os *empelis* e os *flanelas* atacam colunas e aquartelamentos da tropa de quadrícula.

montam emboscadas, despejam o aço e fogem, evaporando-se na mata que bem conhecem. Num terreno daqueles, em que a três ou quatro metros não se vê o inimigo, apanhar uma única arma é muito difícil. A ideia feita de que «apanhar duas armas não é um feito de guerra» comprovam-na os novos comandos como falsa. Não há melhor exemplo de uma ideia feita e falsa. Opostamente, por vezes, é tão fácil apanhar cinco ou dez armas. Como quando se surpreende um grupo de guerrilheiros numa patrulha ou num acampamento. Ou, então, quando se dá com um paiol. Num caso destes, um autêntico bilhete premiado da contraguerrilha, até se pode desmontar algumas das armas capturadas, pô-las nas mochilas e depois vendê-las na baixa luandense, na Mutamba, em bares.

Passado quase um ano de Curso e de vida operacional em Angola, chega a ordem, em maio de 1966, para a 2.ª CCMDS, na continuação da sua comissão, avançar para Moçambique. À cabeça, a 2.ª vai já com duas missões concretas. Uma delas é a de travar as mortes do Batalhão Sete de Espadas, que estava a ser dizimado em Mueda; a outra é a de deter um eventual ataque inglês ao porto e ao aeroporto da Beira. É a chamada guerra do petróleo. Esta missão é muitíssimo difícil, atendendo à abissal diferença de meios das forças em confronto. Com ou sem dificuldades colossais, a 2.ª CCMDS segue para a Beira no navio *Pátria* porque, como reza o Código Comando, «o comando não discute as ordens que recebe, não admite nem conhece embaraços ou resistências à sua integral execução». Ou, como dizem entre si, «se é preciso fazer-se, está feito». Mais ainda, segundo alguns, «o comando sorri às dificuldades». Mas a montanha pare um rato. Acaba por não haver qualquer combate militar, sendo a diplomacia a resolver o assunto.

O capitão Jaime Neves está no posto de comando real de homens, gosta da vida que tem, não se imagina na pele de outro tipo de vida. Todas as outras vidas são mais fáceis mas não sabem tão bem como esta. Sente que ser chefe comando é o seu destino absoluto. Não tem dúvidas de que, contra a fragilidade da vida e a brutalidade da morte, a aventura é a melhor vingança. Para Jaime Neves, uma missão de combate em que comande um grupo no terreno é a melhor forma de um homem ganhar batalhas na guerra, perdida de antemão, contra a morte.